# Banco Mundial espera apoio para a criação de nova instituição

por Walter Diogo
do Rio

O vice-presidente do Banco Mundial, Ibrahim F. I. Shihata, segue hoje para Brasília, onde vai tentar convencer os ministros da Fazenda, Francisco Dornelles, e do Planejamento, João Sayad, a aprovarem o projeto de criação da Multilateral Investment Garanty Agency (MIGA), uma nova instituição financeira, ligada ao Banco Mundial, que dará garantia, através de seguros, para os investimentos em países em desenvolvimento.

O projeto da MIGA já tem o apoio de todos os países desenvolvidos, segundo Shihata. Mas, curiosamente, segundo ele, os países em desenvolvimento, que seriam os maiores beneficiados pela nova empresa, estão contra. O Brasil, inclusive, já manifestou desinteresse pelo projeto, mas ainda tem uma semana para definir sua posição formalmente. Uma das razões pelas quais o Brasil resiste à criação dessa empresa é o poder que se concede ao Banco Mundial de negociar, em nome dos investidores, com os países receptores do investimento. O Brasil está recebendo por ano financiamentos no valor de US$ 1,5 bilhão do Banco Mundial.

ADESÕES

A nova empresa só será criada em outubro, na Coréia do Sul, durante a reunião anual dos governadores do Banco Mundial. Mas, na próxima semana, o banco começa a recolher as adesões.

Shihata chegou ao Brasil na terça-feira e participou, ontem, do Congresso Internacional de Arbitragem Comercial, quando fez uma conferência sobre os problemas de arbitragem e falou sobre a nova entidade. A reação de alguns empresários foi de crítica — proteção exagerada ao investidor, eliminando o risco do capitalismo, segundo um dos presentes — e não chegou a surpreender Shihata. Ele disse a este jornal que esta é a reação de alguns governos dos países em desenvolvimento e que caracteriza um lado polêmico e controvertido do projeto.

Segundo Shihata, o projeto da MIGA é um meio de reativar o fluxo de investimentos para os países em desenvolvimento. Pelos seus dados, o fluxo de investimentos vem caindo há alguns anos, desde que surgiu a crise financeira internacional, mas os grandes prejudicados são os países em desenvolvimento. Ele observa que os Estados Unidos e a Europa continuam absorvendo novos investimentos internacionais, enquanto ocorre queda drástica apenas nas nações em desenvolvimento. O Brasil, segundo Shihata, recebia, no final da década de 70, 8% dos investimentos internacionais. Hoje, esse percentual caiu para 4,4%.

Ibrahim Shihata

RISCOS

A idéia de criação da empresa, segundo Shihata, é criar um tipo de mecanismo que proteja o investidor de grandes riscos, principalmente nas nações em desenvolvimento, para reativar o fluxo de investimentos e até ajudar a pagar a dívida externa.

A empresa seria ligada ao Banco Mundial e mantida com recursos obtidos da venda de seguros para cobrir os investimentos. A empresa também teria um fundo criado pelos países-sócios, que se qualificariam como investidores ou receptores. O seguro cobriria quatro tipos de riscos básicos e não comerciais: 1) risco de não conversibilidade da moeda e de não haver possibilidade de transferência de divisas, devido à crise financeira; 2) desapropriação sem indenização; 3) guerra civil e perda do investimento; 4) quebra de contratos por parte do governo. Poderá haver também proteção com relação a riscos menores, como atos terroristas ou greves.